

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM A JANGADA DE PEDRA, DE JOSÉ SARAMAGO

LITERATURE, HISTORY AND MEMORY IN *A JANGADA DE PEDRA*, BY JOSÉ SARAMAGO

Samira Daura Botelho*

Resumo

Os estudos relativos à memória em um texto literário podem, muitas vezes, relacionarem-se a análises a respeito da história. No presente estudo, que tem como foco de abordagem *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, pretende-se demonstrar de que forma o escritor português relaciona literatura, história e memória no romance em questão. Para tanto, o embasamento teórico sobre a memória coletiva será realizado a partir das teorias de Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Marina Maluf, Georges Poulet, entre outros. Para fundamentar a relação entre história e literatura, os conceitos de Linda Hutcheon serão abordados.

Palavras-chave: memória coletiva; metaficção historiográfica; *A Jangada de Pedra*

Abstract: The studies related to the memory in a literary text may, many times, be related to analyses that regard history. In the present paper, which focuses the novel *A Jangada de Pedra*, by José Saramago, intends to demonstrate how the Portuguese writer relates literature, history and memory in this book. Therefore, the theoretical base about the collective memory will be done from the theories of Maurice Halbwachs's, Jacques Le Goff, Marina Maluf, Georges Poulet, among others. To study how history and literature are related, Linda Hutcheon's concepts will be approached.

keywords: collective memory; historiographic-metafiction; *A Jangada de Pedra*

* Mestranda em Letras/Teoria Literária pela UFU. samira-ptc@yahoo.com.br

“Vivemos com nossa memória.
Melhor dizendo, somos nossa própria memória.
Só dispomos de verdade do que temos na cabeça...”
*José Saramago*¹

O escritor português José Saramago evidencia, em várias de suas obras, as determinações sociais, políticas, culturais, religiosas e ideológicas na formação histórica de Portugal, com o intuito de contribuir para um novo olhar sobre a memória coletiva do povo lusitano. Tal olhar possibilita uma reavaliação da identidade nacional portuguesa e da história do país, na medida em que a literatura saramagueana propõe uma nova leitura do passado, capaz de suscitar no leitor reflexões acerca do discurso historiográfico e da realidade de Portugal.

1 SARAMAGO, J. Canárias 7, Las Palmas de Gran Canária, 4 de fevereiro de 2007 (Entrevista a Victoriano Suárez Álamo).

Para tanto, o escritor parte da história oficial, recontando-a conforme um novo ponto de vista. Ao invés de validar o passado, Saramago questiona-o, re-significando os fatos históricos. Assim, em suas obras, a historiografia não serve apenas como uma contextualização para sua ficção; mais que isso, os acontecimentos históricos utilizados são problematizados ao longo do enredo, levando o leitor a refletir a respeito da História e de seus efeitos no presente.

Uma das obras de Saramago em que ele relaciona sua ficção à história e à memória coletiva do povo português é o romance *A Jangada de Pedra*, editado, pela primeira vez, em 1986. A narrativa gira em torno da Península Ibérica, a qual, misteriosamente, desloca-se do restante da Europa e começa a flutuar no oceano, como uma “jangada de pedra”, instalando uma nova ordem

no enredo.

O fato de a península separar-se da Europa é o aspecto central da narrativa, cujos espaços geográfico e social interferem na própria caracterização da identidade das personagens. É exatamente por viajarem em uma “jangada”, sem rumo, que as personagens tomam decisões, alteram a direção de suas vidas e sofrem modificações internas e externas. Além disso, o fato de Portugal e Espanha separarem-se do continente mostra nitidamente a interferência do espaço nas relações de poder, pois apresenta de que forma o restante da Europa lida com a situação.

O deslocamento desses dois países representa uma crítica à atual situação da Península Ibérica – que, para muitos outros países europeus – sempre esteve à margem, não só geográfica, mas também politicamente, uma

vez que as demais nações a viam como um local povoado por “incompreensíveis povos ocidentais” (SARAMAGO, 2008, p. 139). A questão que se coloca no livro está ligada à memória coletiva do povo ibérico, ao sentimento de distância, de não-pertencimento da península ao restante da Europa.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é demonstrar como Saramago relaciona literatura, história e memória no romance *A Jangada de Pedra*. Para tanto, é necessário, primeiramente, compreender as principais teorias acerca da memória coletiva e sua importância no romance em estudo. Em seguida, serão analisadas as relações entre ficção e história na obra em questão.

O conceito de memória e a forma como ela funciona têm sido tema de pesquisas há séculos. Discutir memória nas suas várias dimensões, seja

individual, coletiva e social, suas relações com a história e seus silêncios temporais é desafiador. Dentre tantas possibilidades de pesquisa, interessa ao presente trabalho compreender os estudos relacionados à memória coletiva, a fim de se estudar a memória do povo ibérico representada pela situação insólita retratada no romance de Saramago: a península se separar do continente europeu.

No que diz respeito aos estudos acerca da memória coletiva, Maurice Halbwachs se destaca, uma vez que ele contribuiu para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele, o sujeito carrega consigo a lembrança, mas como está sempre interagindo com a sociedade, é no contexto dessas relações que tais lembranças são construídas. Ou seja, a rememoração individual se faz na tessitura das

memórias dos diferentes grupos com os quais o sujeito convive. De acordo com as teorias de Halbwachs,

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS apud MALUF, 1995, p. 34-5).

Logo, Halbwachs ressalta a importância do meio social no processo de construção de uma memória. Segundo o pesquisador, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são

constituídas dentro de um grupo. Percebe-se, portanto, que a origem de diversas reflexões, sentimentos e idéias é inspirada por um meio social. Marina Maluf, em sua obra *Ruídos da Memória*, explica que

a memória individual não é descartada por Halbwachs. Apesar da possibilidade da lembrança estar determinada pela função social, cada indivíduo se insere de uma forma particular nas múltiplas redes das quais faz parte e nas quais atua. Para o autor, a memória de uma pessoa está enlaçada à memória do grupo, que por sua vez está integrada à memória mais ampla da sociedade – a memória coletiva (MALUF, 1995, p. 35).

Compreende-se, então, que a memória individual é uma perspectiva da memória coletiva. Segundo Marina Maluf (1995, p.36), “a memória

pessoal necessita de outras lembranças e por isso invoca conjuntos referenciais instituídos pela sociedade”.

Um outro estudioso que também trabalhou com a questão da memória coletiva é Júlio Pimentel Pinto. Ele afirma que

produzir registros de uma memória coletiva significa estabelecer referências de validade ampla, signos que sirvam como princípio de um grupo, uma classe, uma sociedade, uma cidade, uma nacionalidade (PINTO, 1998, p. 37).

Com base nessas ideias, compreende-se que, ao narrar uma situação em que Portugal e Espanha se separam do restante da Europa, Saramago demonstra um forte aspecto da memória coletiva do povo ibérico: o sentimento de não-

pertencimento ao continente. Tal sentimento é retratado por meio do narrador, que mostra não só o ponto de vista dos portugueses e dos espanhóis, como também dos demais europeus e povos de outras partes do mundo.

No caso da obra em estudo, a memória coletiva é representada por meio da viagem da península, que sai da Europa e chega a um ponto no Atlântico Sul, próximo à América Latina. Georges Poulet (1992, p. 64), em seu livro *O Espaço Proustiano*, afirma que “nada mais desconcertante que a metamorfose do espaço determinado pela experiência da viagem”. E, de fato, em *A Jangada de Pedra*, a península se modifica em muitos aspectos ao longo de seu trajeto, uma vez que ela deixa de fazer parte do continente europeu e os personagens (re) descobrem sua identidade. Tanto as modificações

no enredo quanto as transformações dos personagens estão relacionadas às discussões – apreendidas pela leitura da obra – a respeito da memória do povo ibérico, a qual veio à tona com a viagem da jangada. Poulet explica que

ambas (as lembranças e as viagens) são acontecimentos que rompem a inércia do corpo e a preguiça do espírito. Criam um novo ponto de partida, transpondo o ser para fora do lugar material ou espiritual onde parecia restringido a viver. E, acima de tudo, viagens e lembranças colocam bruscamente em contato regiões da terra ou do espírito que até aqui não tinham qualquer relação (POULET, 1992, p.64).

É exatamente isso que acontece em *A Jangada de Pedra*: a situação insólita coloca em contato sujeitos que, até então, nem sequer se conheciam. Esses personagens, por sua vez,

passam a conhecer detalhes de si mesmos os quais nem eles mesmos tinham notado antes. Os cinco protagonistas, devido à ruptura da península, saem em uma jornada à procura de novos espaços e, dessa forma, buscam também suas próprias identidades. No início da história, os personagens são apresentados isolados uns dos outros. A modificação do espaço, ocasionada pelo deslocamento da península, faz com que eles, por acaso, se encontrem. Como as pessoas vivem um momento de viagem para conhecer um mundo reduzido a dois países – Portugal e Espanha –, os valores sociais e individuais também se alteram. Assim, não só o enredo toma novos rumos, como também os próprios protagonistas se transformam.

No início do romance, quando a península começa a se descolar do continente, várias pessoas, principalmente espanhóis e franceses, se reúnem

para descobrirem o motivo de tal acontecimento:

Era então o tempo em que discutiam, com ciência brusca e seca, os geólogos de ambas as partes [...] Sendo a voz galega, portanto discreta e medida, abafaram-na [...] aos povos pequenos ninguém dá ouvidos, não é mania da perseguição, mas histórica evidência (SARAMAGO, 2008, p.21).

Esse trecho evidencia um aspecto da memória coletiva do povo espanhol: o fato de serem considerados “povos pequenos” e de, por isso, suas opiniões serem “abafadas” e desconsideradas perante as ideias dos franceses. A passagem citada apresenta o ponto de vista do narrador frente à voz silenciada do geólogo espanhol. Todavia, essa não é apenas a representação da memória individual do narrador ou do personagem. Mais que isso, o trecho representa a memória de todo

o povo espanhol e, portanto, é um exemplo de manifestação da memória coletiva.

Há, também, trechos do livro em que se percebem manifestações da memória coletiva dos demais países europeus em relação aos países ibéricos. Por exemplo, quando a península começa a se separar do continente, os países da Comunidade Econômica Europeia se reúnem para discutir o caso e alguns membros chegaram a insinuar que “se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar” (SARAMAGO, 2008, p. 39). Mais adiante no enredo, o primeiro-ministro português, ao fazer um comunicado ao seu povo, diz:

Os governos da Europa, a que já não pertencemos, [...] em vez de nos apoiarem, [...] decidiram tornar-nos em bodes expiatórios das suas dificuldades internas,

intimando-nos absurdamente a deter a deriva da península, [...] sendo que os governos europeus, que no passado nunca verdadeiramente mostraram querer-nos consigo, vêm agora intimidar-nos a fazer o que no fundo não desejam e, ainda por cima, sabem não nos ser possível. Lugar indesmentível de história e cultura, a Europa, nestes dias conturbados, mostra, afinal, carecer de bom senso (SARAMAGO, 2008, p. 146-7).

Essas passagens mostram claramente o posicionamento de diversas nações européias em relação à Espanha e a Portugal. Percebe-se um sentimento preconceituoso, de descaso das demais nações frente às dificuldades enfrentadas pelos países peninsulares. Esse posicionamento é também uma manifestação da memória coletiva – tanto dos ibéricos quanto dos não-ibéricos.

Tal memória coletiva tem, assim, a função

de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha lembranças. Ela garante o sentimento de identidade do sujeito calcado numa memória compartilhada. Segundo Jacques Le Goff, em sua obra *História e Memória*,

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 1994, p.476).

É interessante apontar também que, conforme Jacques Le Goff (1994, p. 476), a memória não é apenas uma conquista, ela é também um instrumento de luta pelo poder, já que decidir a respeito do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido integra os mecanismos de

controle de um grupo sobre o outro.

Os estudos da memória, especificamente, auxiliam tanto as análises acerca do presente quanto de fatos e tempos passados, e apresentam-se, em sua maior parte, como uma forma de fazer o tempo passado se presentificar; de construção e reconstrução social; de entender formas e representações simbólicas históricas; de entender tempos e espaços que necessitam de valores e significados culturais nem sempre em harmonia com aqueles vividos e concebidos.

Nesse contexto, é importante ressaltar que os conceitos de memória e história evocam o mesmo tempo – o passado, e é daí que se origina sua identificação. Mas, apesar da matéria-prima comum, memória e história não se confundem. A história de uma nação pode ser compreendida como a síntese dos acontecimentos mais relevantes

a um conjunto de cidadãos, porém encontra-se muito distante das percepções do indivíduo.

Segundo Maurice Halbwachs, a memória coletiva ou social não se confunde com a história. Pelo contrário, a história tem seu começo onde se esgota a tradição, onde a memória coletiva acaba. Para o autor, a memória social é sempre vivida, física ou afetivamente. Quando o grupo desaparece, a única maneira de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores, “é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 80). De acordo com Halbwachs,

a história analisa de uma perspectiva exterior a sociedade e os grupos que dela fazem parte; a memória, ao contrário, é a

reconstituição de experiências pessoais e sociais que se desenrola sempre a partir de dentro do grupo, de modo a oferecer dele um quadro de analogias no qual seus membros se reconheçam (MALUF, 1995, p.41).

A história é, por conseguinte, escrita e impessoal. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. Para Halbwachs, as situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir-se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertence. A partir daí, é possível supor que é tecida uma espécie de cadeia de pertencimento afetivo que mantém a vida e o vivido da memória.

Para Michel Foucault, o pensamento historicista recusa o devir, na medida em que sustenta a valorização da origem. A tradição teleológica, segundo o filósofo, reintroduz e

supõe sempre a visão supra-histórica; trata-se de

uma história que teria por função recolher em uma totalidade bem fechada sobre si mesma a diversidade, enfim reduzida, do tempo; uma história que nos permitiria nos reconhecermos em toda parte e dar a todos os deslocamentos passados a forma de conciliação (FOUCAULT apud GONDAR, 2008, p. 95).

A memória, por sua vez, não rejeita o futuro. Muitas vezes ela relaciona-se ao presente e, inclusive, instiga o sujeito a imaginar e/ou planejar o que ainda há de vir. Dessa forma, é fundamental compreender um outro elemento que diferencia memória e história: a permanente renovação das lembranças, a forma como se relacionam, uma e outra, com o tempo. Segundo Maurice Halbwachs, a condição necessária para

que haja memória é o sentimento de continuidade presente naquele que se lembra. A memória não faz ruptura entre passado e presente porque só retém do passado “aquilo que está ainda vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 81).

É nesse sentido que, para o autor, a memória precisa ser entendida como manifestação de um conjunto dinâmico, espaço não só de seleção, mas de reinterpretação e reformulação do passado, portanto, em renovação de sentido. Sua função está em preservar os elementos do passado que garantem aos sujeitos sua própria continuidade e afirmação identitária, do que propriamente fornecer uma imagem fiel do passado. Marina Maluf aponta que,

ao construir a oposição radical entre história e memória coletiva, Halbwachs se refere

a uma história hegemônica no seu tempo [...], a um conhecimento produzido por um historiador que se julgava objetivo e imparcial (MALUF, 1995, p.43).

A estudiosa ainda explica que, para Pierre Nora,

[...]história e memória se opõem igualmente: a memória é a experiência vivida, carregada pelos grupos vivos, aberta ao movimento dialético da lembrança e do esquecimento. [...] ‘A memória é um fenômeno sempre atual’, diz Nora, ‘uma ligação vivida no presente eterno’. A história, ao contrário, é uma ‘reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais’. Se a memória coloca a lembrança no sagrado, a história a dessacraliza porque é uma operação intelectual e crítica que trabalha com cortes temporais (MALUF, 1995, p.44).

Compreende-se, portanto, que a memória coletiva é pautada na continuidade e está na base da formulação de uma identidade. A história, por outro lado, diz respeito a sínteses dos grandes acontecimentos de uma nação. José Saramago, no seu romance *A Jangada de Pedra*, trabalha tanto com elementos da história quanto utiliza procedimentos da memória, já que a obra faz referência a um acontecimento registrado pela historiografia oficial e, ao mesmo tempo, constitui-se como representação da memória coletiva do povo português em relação aos demais países – principalmente os europeus.

Ao criar a imagem da jangada, que parte da Europa e navega no oceano como uma grande embarcação, a península se estrutura como uma grande metáfora, através da qual Saramago faz referência a um dos fatos mais relevantes da

história de Portugal e da Espanha: *As Grandes Navegações*. Como se sabe, durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com o objetivo de encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a *Era das Grandes Navegações e Descobrimientos Marítimos*.

Na obra em questão, a península se desloca da Europa e flutua como se fosse uma enorme jangada que transfere os indivíduos de um espaço a outro. E a referência ao acontecimento histórico das grandes navegações fica ainda mais nítida no final da narrativa, uma vez que a “a jangada de pedra” flutua em direção a um ponto no sul, entre a África e a América Latina – espaço aonde vários colonizadores chegaram durante os séculos XV e XVI.

Eles estão a descer entre a África e a América Latina, senhor presidente, Sim, o rumo pode trazer benefícios, mas também pode agravar as indisciplinas da região, e talvez por causa desta lembrança irritante, o presidente deu um soco na mesa (SARAMAGO, 2008, p. 283).

Nesse trecho, o presidente dos Estados Unidos se enfurece ao perceber o rumo que a jangada estava tomando, rumo este que faz referência clara ao ponto de chegada dos colonizadores portugueses e espanhóis na época das grandes navegações. Como Saramago faz uso do fato histórico para compor sua narrativa, tem-se aí uma ligação entre literatura e história. E, ao inserir em seu texto um acontecimento registrado pela história, o escritor faz uma crítica à atual situação da Península Ibérica que é considerada,

tanto pelos ibéricos quanto pelos não ibéricos, como uma parte não pertencente à Europa.

Os países da Europa, onde felizmente se tem verificado um certo abaixamento de tom na linguagem quando se referem a Portugal e Espanha, depois da séria crise de identidade com que se debateram quando milhões de europeus resolveram declarar-se ibéricos, acolheram com simpatia o apelo e já mandaram saber como é que queremos ser auxiliados, ainda que, como de costume, tudo dependa de poderem as nossas necessidades ser satisfeitas pelas disponibilidades excedentárias deles. (SARAMAGO, 2008, p. 185)

Nesse fragmento, percebe-se que Saramago fez uso de uma expressão irônica com o intuito de mostrar o modo que a península tem sido vista, como um lugar salvo por meio de “disponibilidades excedentárias” de outras

nações. Assim, ao se deslocar do restante da Europa, a península segue em direção a um outro espaço, onde existam relações mais fortes de identidade: o sul do Atlântico.

Nesse contexto, é importante ressaltar que, no romance de Saramago, a relação entre ficção e história não é feita da forma tradicional, como validação dos fatos passados. Em vez disso, o escritor utiliza os acontecimentos registrados pela historiografia a fim de questioná-los, problematizando-os e suscitando reflexões a respeito da atual situação social, política e econômica dos países ibéricos.

Essa forma de tratar a história em narrativas ficcionais é chamada, por Linda Hutcheon, de metaficção historiográfica. Para a autora, essa nova modalidade narrativa dentro do gênero romanesco corresponde a uma outra maneira

de escrever o romance histórico. A metaficção historiográfica não aceita os romances sob as convenções impostas; ela as desafia e contradiz. Segundo a autora,

a metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. (HUTCHEON, 1991, p. 127)

Nesse sentido, Hutcheon esclarece que a narrativa histórica na ficção deve olhar, de um ângulo crítico, os problemas da sociedade e

enxergar o que os escritos oficiais não mostram. Além disso, ela ainda ressalta que é necessário fazer uma avaliação dos fatos históricos passados, segundo os métodos atuais de escrever narrativas, dentre os quais se destaca a ironia.

Dessa forma, percebe-se que a metaficção historiográfica propõe uma semiotização da história, embasada na desconfiança quanto à objetividade e à neutralidade do discurso historiográfico. Sendo assim, ela não valida o passado, como acontecia no romance histórico paradigmático. Ao contrário disso, ela questiona o passado, re-significando os fatos históricos. De acordo com Hutcheon,

a metaficção historiográfica procura (re) apresentar o passado (e não representá-lo) e isso é feito por meio da ficcionalização paródica, irônica e, por vezes, satírica das

personalidades e acontecimentos históricos (HUTCHEON, 1991, p.59)

Assim, a literatura possibilita um envolvimento entre o leitor e a história que está sendo (re)escrita, e pode conscientizá-lo acerca das realidades, das várias verdades da política e da história.

Logo, percebe-se que o romance de Saramago apresenta procedimentos da metaficção historiográfica. Ao inserir um fato incomum – a península se deslocar do continente – para fazer referência a um momento histórico, o escritor instaura um processo de revisitação do passado, a partir de um novo olhar a respeito de tal acontecimento e segundo a memória coletiva do povo ibérico. Dessa forma, o romancista possibilita que um dos acontecimentos mais significativos da

história de Portugal e Espanha seja rediscutido. O autor problematiza a representação do fato histórico para mostrar os efeitos disto que até hoje se fazem presentes na memória do povo português e espanhol.

De acordo com Jacques Le Goff,

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1994, p.477).

É exatamente isso que José Saramago faz em seu romance *A Jangada de Pedra*: retoma um fato histórico do povo ibérico a fim de chamar a atenção do leitor para o presente e o futuro de tal região. Assim, o romancista consegue ir além do discurso objetivo de textos históricos, fazendo

os leitores não só rememorarem o passado, como também refletirem acerca dele e das atuais condições da Península Ibérica. Por conseguinte, percebe-se que, ao utilizar procedimentos da metaficção historiográfica, Saramago instiga um olhar crítico, não só para a literatura, para a memória coletiva e para a história, como também para a realidade do leitor.

Referências:

AGUILERA, Fernando Gomes. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRENECHEA, Miguel Angel et all. Tempo e criação: a memória para além da reconhecimento. In: *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 39-162.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro : Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994. p. 423-484.

MALUF, Marina. A reconstrução do passado. In: *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, p. 27-89.

PINTO, Julio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

POULET, Georges. *O Espaço Proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 143p.

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. 5 ed.

São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, J. *Canárias* 7, Las Palmas de

Gran Canária, 4 de fevereiro de 2007 (Entrevista
a Victoriano Suárez Álamo).

Artigo recebido em: 26/05/2011

Aceito para publicação: 15/09/2011